

DIAMANTINA E O ESTIGMA DO SERTÃO: O OLHAR DAS ELITES DIAMANTINENSES SOBRE A CIDADE E O SERTÃO NORTE MINEIRO DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

DIAMANTINA AND THE ESTIGMA OF THE *SERTÃO*: THE PERSPECTIVE OF DIAMANTINA'S ELITES ON ITS CITY AND THE NORTHERN *SERTÃO* OF MINAS GERAIS DURING THE FIRST REPUBLIC

Carolina Paulino Alcântara¹

Endereço profissional: Escola Estadual Maestro Villa Lobos. R. Ouro Preto, 1144 - Santo Agostinho, Belo Horizonte - MG, CEP - 30170-041.
E-mail: carolinapalcantara@hotmail.com

Anny Jackeline Torres Silveira²

Endereço profissional: Instituto de Ciências Humanas e Sociais Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Rua do Seminário s/n – Mariana-MG, CEP - 35420-000.
E-mail: anejack@terra.com.br

Resumo: Nas páginas dos jornais de Diamantina-MG, publicados durante a Primeira República, as elites locais revelaram a existência do dilema de pertencer a uma cidade do sertão. Afinal, divulgavam um imaginário que ora associava Diamantina ao sertão mineiro e brasileiro, compartilhando um histórico de carências, abandono e misérias, ora à sociedade que se formou em volta das minas de ouro e diamantes, local da civilização e mais próxima do desenvolvimento das cidades do litoral. Sendo assim, analisaremos a seguir as representações compartilhadas pelas lideranças diamantinenses sobre sua cidade e o sertão norte mineiro.

Palavras-chave: Sertão mineiro; Diamantina; Imaginário.

Abstract: On the pages of the Diamantina's newspapers, published during the First Republic, local elites revealed the existence of the dilemma of belonging to a *sertão* city. After all, they either propagated the idea that Diamantina belonged to the Minas Gerais and Brazilian's *sertão*, which shared a history of destitution, abandonment and misery; or that the city belonged to a society that was formed around gold and diamond mines, a place of civilization and closer to the development of cities on the coast. Therefore, we will analyze the representations of the city and the northern *sertão* of Minas Gerais created by Diamantina's leaders.

Keywords: *Sertão* of Minas Gerais; Diamantina; Imaginary.

1 Possui graduação em História (bacharelado e licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2012) e mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Trabalhou nos setores educativos de museus e centros de memória com pesquisa e educação, adquirindo experiência na área de Patrimônio Cultural, Educação Patrimonial e mediação cultural. No mestrado pesquisou as contradições da modernidade em Diamantina (1889-1930) tendo como foco principal as disputas em torno do saneamento da cidade bem como sua relação com o sertão norte mineiro. Integrou o Grupo de Pesquisa Scientia & Technica da Universidade Federal de Minas Gerais e desenvolveu trabalhos de ICMS Cultural elaborando dossiês de registro.

2 Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais na Linha de História da Ciência. Autora de livros capítulos de livros e artigos que abordam temas relacionados à saúde/doença.

Introdução

Diamantina é uma cidade do período colonial. Isso faz com que seja referência para os estudos historiográficos que analisam o ciclo do ouro em Minas Gerais durante o século XVIII.³ Entretanto, houve um aumento considerável de produções na área que têm como foco a formação social e política de Diamantina e do Norte Mineiro a partir do século XIX.⁴ Esses trabalhos dão especial atenção para a atuação da imprensa e dos grupos políticos locais, que agiram, durante o Império e a República, buscando promover a região no cenário político do estado e do país por meio de projetos de modernização. O objetivo era sintonizar a cidade ao que estava ocorrendo em outros lugares do Brasil e do mundo.

O suposto atraso dos grandes centros urbanos do país angustiava as elites brasileiras, que transformaram o traçado arquitetônico das cidades, promoveram políticas de saneamento, incentivaram a imigração de estrangeiros, melhoraram as vias de comunicação, buscaram moralizar e segregar as classes mais pobres, tudo isso buscando mostrar um novo Brasil branco, europeizado e civilizado em sintonia ao que então se passava nas cidades europeias, nos Estados Unidos e demais países do mundo.⁵ A partir da década de 1910, a situação das populações sertanejas pautou os projetos de modernização do país. Os intelectuais brasileiros, como médicos, geólogos, engenheiros, cientistas de instituições de saúde, entre outros, defendiam que se realizasse o desenvolvimento social e econômico recorrendo-se às políticas de saúde pública.⁶

Procurando entender como as elites diamantinenses enfrentaram esses dilemas da modernização urbana e rural, percebemos que os grupos dirigentes em Diamantina

3 Um estudo de referência sobre Diamantina no período colonial é da estudiosa Júnia Ferreira Furtado: FURTADO, Júnia Ferreira. O livro da capa verde: o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da Real Extração. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008. (Coleção Olhares).

4 Nos anos 2000, existiu um grupo intelectual em Diamantina interessado no tema da história regional/local. Ligado ao Centro de Memória e Identidade Regional do Vale do Jequitinhonha, sediado na Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA), muitos pesquisadores fizeram da modernidade em Diamantina seu objeto de estudos. Sendo assim, dois estudos de referência para pensar Diamantina na virada do século XIX para o XX são: GOODWIN JÚNIOR, James William. Cidades de papel: imprensa, progresso e tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. MARTINS, Marcos Lobato. Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. Outros autores também serviram a esta análise: SOUZA, José Moreira de. Cidade: momentos e processos. Serro e Diamantina na formação do norte mineiro no século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1993.

5 Utilizamos como referência para dizer sobre os projetos de modernização urbana no Brasil as seguintes obras:

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (org.). O Brasil republicano. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. HERSCHMANN, Micael et al. Missionários do Progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro. 1870-1937. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. PESAVENTO, Sandra J. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. SALGUEIRO, Heliana Angotti. Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos. São Paulo: EDUSP, 2001.

6 Em relação aos projetos de modernização que buscavam como solução o saneamento dos sertões brasileiros, utilizamos como referência: HOCHMAN, Gilberto. A Era do saneamento. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. LIMA, Nísia Verônica Trindade. Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. 2. ed., aumentada. São Paulo: HUCITEC, 2013. SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p. 193-210, 1985.

não elaboraram estratégias de modernização por meio de um plano sistemático de desenvolvimento, que incluísse táticas para a promoção da economia e política local, por exemplo. Ao contrário, o que verificamos são intenções de promover melhoramentos locais, almejando um futuro mais promissor para a região. De maneira semelhante à forma como a historiografia sobre as cidades latino-americanas interpreta o advento da modernidade nesses países⁷, podemos dizer que a modernidade em Diamantina foi vivida como um discurso. Isto é, um conjunto de propostas visto como meio para se atingir o desenvolvimento social e econômico almejado pelas elites locais. Esses projetos, presentes em propostas de leis enviadas à Câmara Municipal de Diamantina e em textos publicados em jornais, revelam posições políticas, intenções e desejos de promover melhoramentos na cidade, fazendo dela um centro progressista e civilizado.

Era do entendimento dos atores políticos em Diamantina que a cidade e o norte de Minas enfrentavam dificuldades de desenvolvimento, uma vez que havia o domínio de discursos e ações das elites políticas e econômicas da região Centro-Sul do estado, que buscavam a modernização de Minas Gerais excluindo o norte do debate. Isso fica evidente no processo de construção da identidade mineira, que foi tomada a partir da ideia de certa consciência da centralidade por parte das regiões Sul e Zona da Mata.⁸ Ou seja, a construção de Belo Horizonte e o discurso da mineiridade, no final do século XIX, são exemplos de ações que revelam a posição das elites cafeicultoras do estado que desejavam promover a convergência e a unidade de Minas Gerais a partir de suas regiões.⁹

Membros de famílias tradicionais em Diamantina, como os Mata Machado, Felício dos Santos, Caldeira Brant e Mourão, que mantiveram alguns de seus integrantes nos assentos da Câmara Municipal como vereadores ou como Agente Executivo¹⁰, na Assembleia do estado e/ou no Senado Federal, agiram almejando aquisições para a cidade e a região. Requereram a abertura de estradas de rodagem para o Alto Jequitinhonha e a construção do ramal da estrada de ferro, por exemplo.

7 Muitos países latino-americanos passaram por mudanças econômicas, sociais e políticas que também resultaram em transformações urbanas, algo que pode ser verificado nas principais cidades do continente. As elites, alimentando a decisão de apagar o passado recente - associado ao período colonial, principalmente -, iniciaram obras e projetos de embelezamento e reordenamento de áreas públicas no desejo de fazer refletir uma imagem de prosperidade e modernidade, procurando acompanhar o que acontecia em outros países. A seguir indicamos os estudos que se dedicaram ao tema sobre as transformações do espaço urbano na América Latina: GARCIA CANCLINI, Néstor; LESSA, Ana Regina; CINTRÃO, Heloisa Pezza. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. GORELIK, Adrián. *O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização*. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 55-81. ROMERO, José Luís. *As cidades burguesas*. In: ROMERO, José Luís. *América Latina: as cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 283-353.

8 SOUZA, José Moreira de. *Cidade: momentos e processos*. Op. cit.

9 A "mineiridade" surgiu como um discurso ideologicamente construído pelas elites para garantir a integração do território e consolidar a República em Minas. Para ler sobre os conflitos políticos no período republicano e sobre a construção de Belo Horizonte, ver o estudo: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. *Uma interpretação sobre a fundação de Belo Horizonte*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1973, Belo Horizonte. *Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A cidade e a História*. v. 1. São Paulo: FFLCH-USP, 1974. p. 631-633. Sobre os discursos e práticas das classes conservadoras, ver: FÁRIA, Maria Auxiliadora. *A política da Gleba": As classes conservadoras mineiras. Discurso e prática na primeira República*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

10 O agente executivo ou chefe do executivo municipal. As eleições funcionavam da seguinte forma: a cada três anos, homens, maiores de 21 anos e alfabetizados, elegiam os vereadores, que se reuniam em seção da Câmara para eleger o Presidente da Câmara, que era o agente executivo do município. Este podia ser reeleito inúmeras vezes.

Também solicitaram investimentos na educação, no desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura, nas condições sanitárias da região e na resolução dos problemas associados às doenças endêmicas. Dessa forma, fica evidente que esses grupos compartilhavam os ideais das elites de outros locais do país, que também apostaram nas reformas urbanas, no desenvolvimento tecnológico e material, no saneamento urbano e rural para fazer do Brasil um país moderno. Afinal, apresentando divergências na forma como conduziram a modernização em Diamantina, em comum todos os agentes políticos incorporaram o discurso em prol do progresso, identificando suas características, procurando aplicá-las à realidade local, denunciando sua ausência e buscando alternativas para alcançá-las.

Em alguns casos, essas famílias, que compuseram a cena política da cidade, também mantiveram ou colaboraram em jornais, fazendo desse espaço o lugar para expor seus ideais, defendendo ou criticando governantes. Membros da Igreja e de instituições beneficentes também se utilizavam dos jornais para propalar aquilo que acreditavam e desejavam para a sociedade nortista. A edilidade mantinha uma publicação periódica, cuidando de divulgar leis, projetos e ações do governo e outras notícias.

Utilizaremos como fonte para as análises que serão realizadas neste artigo os textos publicados em jornais diamantinenses cujo conteúdo diz respeito aos ideais de progresso e civilização, deixando transparecer as representações sobre a cidade de Diamantina e o sertão norte mineiro. Essas fontes encontram-se disponíveis *online* no sistema integrado de acesso ao Arquivo Público Mineiro (APM) e fisicamente nos arquivos da Biblioteca Antônio Torres (BAT), localizado na cidade de Diamantina.

Acreditamos que um conjunto de representações, que se baseavam nas dualidades *minas/gerais* e *sertão/litoral*, esteve presente no pensamento e discursos das elites locais. Analisaremos, portanto, como as lideranças da cidade de Diamantina partilharam e divulgaram um imaginário que ora associava a cidade ao sertão mineiro e brasileiro, compartilhando um olhar que relacionava o sertão às carências, ao abandono e às misérias, ora à sociedade que se formou em volta das minas de ouro e diamantes, local da civilização. Nas páginas dos jornais publicados durante a Primeira República, percebemos que os grupos políticos viviam um paradoxo de pertencerem a uma cidade do sertão.

Para o imaginário social do nosso país, a análise dos termos *sertão* e *litoral* revela contrastes, esquecimentos e desigualdades na formação do Brasil. No período colonial, *litoral* delimitava o espaço conhecido e dominado pelo colonizador. *Sertão* era a antítese: oposto da *civilização*, local da *barbárie*; área vasta e ocupada pelo *outro* de cultura e modos de vida que muitas vezes ignoravam as leis e costumes metropolitanos. Durante o século XIX, a dualidade *sertão/litoral* continuou a reforçar a posição de superioridade e de centralidade da sociedade litorânea, que marginalizava as regiões

interioranas. Com a chegada da República, a noção de sertão se reconfigurou, passando a informar também o que se entendia sobre identidade brasileira.

A particularidade desse discurso em Minas Gerais revela ainda a existência de dois polos opostos que se destacaram na formação histórica do estado: as *Minas* – em referência à sociedade que se formou nos núcleos urbanos em torno da mineração, estando sua população mais próxima ao que se entendia por *civilização* – e os *Gerais* – que fazia alusão à sociedade organizada a partir da criação da pecuária nos sertões, principalmente na porção norte do estado, que era constantemente associada ao atraso, à tradição e ao jeito de viver refratários à mudança.

Sendo assim, a cidade inscrita em um lugar chamado sertão norteará as análises a seguir. Verificaremos como, aos olhos das elites diamantinenses, essa situação representava um empecilho que comprometia a modernização da cidade, uma vez que acreditavam que a região norte constituía uma área que estava desprotegida do poder público. Argumentavam que suas irmãs do sul eram sempre contempladas com ações efetivas de modernização. Nesse sentido, “homens de imprensa”¹¹ e políticos procuraram reagir ao que consideravam como sina ou estigma do sertão lançando um debate que buscava obter mais recursos e promover a cidade como porta-voz do norte de Minas. Assim, criaram a imagem de uma “Princesa do Norte”¹², um centro avançado, moderno, civilizado no sertão mineiro. Para essas pessoas, a cidade representava, portanto, um polo superior, uma espécie de “janela” ou “portal” para o mundo moderno.

Tendo em vista o que foi exposto, este artigo será dividido em três partes. Primeiramente, faremos considerações sobre o imaginário social na Primeira República em relação ao *sertão* e ao *litoral* com o objetivo de trazer para a nossa apreciação as referências necessárias para discutir as realidades mineiras e o pensamento por trás da construção de identidades. Isso posto, analisaremos na segunda parte as representações sobre Diamantina e o sertão norte mineiro a partir do olhar das elites que escreviam nos jornais da cidade. Destacaremos as passagens importantes que nos auxiliarão na construção da narrativa que relaciona Diamantina ao sertão. Na última parte, analisaremos como esse conjunto de características associadas à cidade nortista fez com que seus moradores se percebessem num *entre-lugar*, isto é, situados em um espaço liminar entre dualidades opostas que designam identidades¹³: sertão e civilização. Para isso, analisaremos como os signos atraso/progresso, urbano/rural, civilizado/incivilizado orientaram a conformação de projetos para que Diamantina

11 Assim como fez James William Goodwin Jr. em estudo sobre a imprensa em Diamantina, também optamos por utilizar este termo em alguns momentos considerando que ele traduz a realidade das redações, compostas, em sua maioria, por homens que expressavam suas ideias nos jornais. Sobre as pessoas que estavam por trás da produção de um periódico, James William Goodwin Jr. destaca que, enquanto nas redações a presença masculina era maioria, na produção dos jornais, junto às máquinas tipográficas, as mulheres se faziam presentes com grande regularidade. GOODWIN Jr. Cidades de Papel. Op. cit., p. 126.

12 “Athenas do Norte” e “Grande Empório do Norte” também foram termos arquitetados e utilizados pelas elites diamantinenses, na segunda metade do século XIX, em alusão à importância econômica e política da cidade no norte de Minas. Entretanto, a expressão “Princesa do Norte” apareceu recorrentemente nas fontes consultadas, refletindo o ideal que visava projetar a cidade de Diamantina como um centro civilizado e progressista no norte mineiro. Ademais, o termo traz consigo a tensão das elites com o passado e tradição monárquico e colonial.

13 BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

reagisse ao estigma de sertão.

Sertão e litoral no pensamento social brasileiro

Toda cidade é marcada por um conjunto de representações que diz respeito àquilo que seus moradores desejam projetar e firmar como próprio daquele local. Obviamente, a construção dessas imagens depende do contexto e dos sujeitos envolvidos. Na virada do século XIX para o XX, as elites brasileiras desejavam fazer com que suas cidades fossem modernas. Com efeito, a busca pelo progresso e a modernização marcou inevitavelmente a história de milhares de pessoas no Brasil que vivenciaram tempos de reformas urbanas, das construções e do desenvolvimento nos transportes, mas também das lutas sociais, da discriminação, da exclusão e da marginalização social. A modernidade deixou diferentes marcas e cada uma delas conta histórias que revelam experiências diversas sobre o período da Primeira República no Brasil.

O imaginário em torno do que se desejava firmar como “um país moderno” deve ser compreendido por meio do pensamento que orientou discursos e ações em prol desse projeto concebido e imaginado pelas elites políticas e econômicas de todo o país. Afinal, conforme analisou Bronislaw Baczko, toda sociedade elabora um conjunto de referências por meio do qual estabelece suas relações. É através de seu imaginário que a coletividade cria sua identidade, elabora certa representação de si, estabelece suas expectativas e aspirações, designa papéis e posições sociais, bem como cria e impõe crenças e regras.¹⁴ Dessa forma, os grupos dirigentes e intelectuais nacionais revelavam a existência de dois tipos de ordem social, duas temporalidades distintas, que, no entanto, coexistiram simultaneamente e que marcaram o pensamento social brasileiro: *sertão e litoral*.¹⁵

À primeira vista, associamos o termo *sertão* ao interior. No entanto, uma análise mais aprofundada do termo revela as transformações de seus significados ao longo do tempo.¹⁶ No período da colonização, por exemplo, o *litoral* compreendia, mais do que a faixa costeira do continente, o espaço conhecido e dominado pelo colonizador. O *sertão*, sem especificação geográfica precisa, era a antítese desse espaço: área vasta e ocupada pelo *outro* de cultura e modos de vida que muitas vezes ignoravam as leis e costumes metropolitanos ou dos colonos. Segundo essas interpretações, o *sertão* era o oposto da *civilização*, portanto o local da *barbárie*.

Durante o século XIX, a dualidade *sertão/litoral* continuou a reforçar a posição

14 BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 309.

15 SOUZA, Candice Vidal e. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: UFG, 1997.

16 Janaina Amado, em seu texto breve, mas esclarecedor sobre a categoria espacial, cultural e social denominada sertão, chamou a atenção de como o litoral e o sertão receberam, desde o século XVI, qualificações distintas no imaginário social brasileiro, representando categorias ao mesmo tempo opostas e complementares AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995, p. 145-151. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129>>. Acesso em: 12 set. 2011.

de superioridade e de centralidade da sociedade do litoral, que marginalizou as regiões interioranas em prol do seu desenvolvimento. Com a chegada do século seguinte, a noção de *sertão* se reconfigurou, passando a informar também o que se entendia por identidade brasileira. Isso quer dizer que, ao contrário de negar a região, os intelectuais, que se debruçavam sobre a história do país e buscavam obter respostas para as mazelas do Brasil, passaram a dizer como o *sertão* paradoxalmente representava tanto o berço do que chamavam de legitimamente brasileiro como um empecilho que segurava o país como uma âncora na caminhada em busca do progresso. Nesse sentido, o *sertão* não estava mais associado apenas às regiões interioranas do país, mas abrangia todo local onde as ações do governo não chegavam.¹⁷

Seja como for, o *sertão* e o *litoral* revelavam (e ainda revelam) a constituição desigual e hierarquizada da nossa sociedade, havendo participação dessemelhante da população nas decisões políticas e no desenvolvimento econômico e social do país.¹⁸ Focamos no período da Primeira República porque foi esse o principal momento da história do Brasil em que os significados de *sertão* – muitas vezes associados ao atraso, à tradição e ao jeito de viver refratários à mudança – se concretizaram em projetos nacionais, que tinham como objetivo enfrentar os dilemas de um Brasil que desejava se firmar como moderno.

Dessa forma, os discursos e projetos em torno do urbano só fazem sentido quando compreendermos que, no pensamento latino-americano do final do século XIX, a noção sobre as cidades incorporava uma ideia que colocava os centros urbanos em oposição ao mundo da natureza e ao passado colonial. Isto é, o modelo de sociedade ideal que se queria implementar tinha como elemento central a associação entre a cidade e a civilização, fixando como indispensável a criação e/ou ampliação dos meios de transporte e de comunicação, privilegiando o embelezamento do espaço urbano, estabelecendo como meta a dinamização da economia, procurando modificar costumes e introduzir novos hábitos entre as populações, e, entre outros aspectos, tendo como perspectiva resolver os problemas de saúde pública.

Para além dessas fórmulas que prometiam o progresso das grandes metrópoles, são apresentadas nesse contexto outras duas grandes apostas da modernidade brasileira: as ferrovias, pois expressariam um nível de desenvolvimento tecnológico e promoveriam a integração do território, possibilitando a aproximação do litoral com o interior; e as políticas em saúde pública idealizadas por médicos, geólogos, engenheiros, cientistas de instituições de saúde, que procuraram chamar a atenção dos governos estaduais e federal para a necessidade de agenciar programas em todo território nacional em prol do desenvolvimento social e econômico do país.

Todas essas questões abordadas até aqui servem para demonstrar como os

17 HOCHMAN, Gilberto. A Era do saneamento. Op. cit.

18 LIMA, Nísia Verônica Trindade. Um sertão chamado Brasil. Op. cit.

projetos de modernização do Brasil, implementados ou imaginados na virada do século XIX para o XX, perpassavam um ideal de sociedade que se desejava alcançar. Os signos de progresso e civilização orientaram todos esses discursos que viam a reconfiguração dos espaços urbanos, o uso da tecnologia, da ciência e as melhorias nas condições de vida da população como necessários para fazer com que o país percorresse de vez nos trilhos da modernidade.

É preciso esclarecer que pensar as cidades brasileiras na sua reconfiguração, durante o período da Primeira República, implica perceber os limites e contradições desses projetos, que muitas vezes, envolvendo os agentes públicos, sociedade civil e governo, excluía parte significativa da população brasileira. Por isso a necessidade de situar *sertão* e *litoral* nessa discussão. Esses dois termos, conforme evidenciamos, revelam mais do que lugares, evocam principalmente à nossa memória os contrastes, esquecimentos e desigualdades da formação do Brasil. E se considerarmos que os sertões “começavam no final da Avenida Rio Branco (Central), o grande bulevar da então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro”¹⁹, essa análise faz ainda mais sentido. A fala a seguir de Afrânio Peixoto, médico, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ) e membro da Academia Nacional de Medicina (ANM), expressa a visão que os médicos sanitaristas tinham sobre o país:

Se raros escapam à doença, muitos têm duas ou mais infestações.... Veem-se, muitas vezes, confrangido e alarmado, nas nossas escolas públicas crianças a bater os dentes com o calafrio das sezões [...]. E isto, não nos confins do Brasil, aqui no Distrito Federal, em Guaratiba, Jacarepaguá, na Tijuca.... Porque, não nos iludamos, o nosso sertão começa para os lados da Avenida.²⁰

Afrânio Peixoto e outros médicos verificavam a carência de políticas públicas tanto em regiões interioranas e desabitadas como nas áreas suburbanas, inclusive da capital da República. A modernidade não viria para todos.

Procurando pensar sobre essas vivências, limites e contradições da modernidade em outros locais do país, apresentaremos a seguir uma análise sobre a cidade de Diamantina, que teve uma elite política e econômica sintonizada com tudo o que acontecia no restante do território brasileiro. Eles também sonharam com a modernidade, vivenciando-a como um discurso. Isto é, por meio de um conjunto de propostas elaboradas com a intenção de promover melhoramentos locais, almejando um futuro mais promissor para a cidade e região do sertão norte mineiro. Aos olhos

19 HOCHMAN, Gilberto. Logo ali, no final da avenida: os sertões redefinidos pelo movimento sanitarista da Primeira República. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. V (suplemento), julho, 1998, p. 217-235.

20 Peixoto, A. 1922 'Discurso pronunciado no banquete oferecido ao prof. Miguel Pereira, em 19 de maio de 1918'. Em P. Leão et alii (org.), Afrânio versus Afrânio. Niterói, Tipografia Jerônimo Silva, p. 31-32.

dessas lideranças, Diamantina era uma espécie de ponte entre o norte de Minas, apresentado por meio de um histórico de carências, e a civilização.

Diamantina e o estigma de sertão

De maneira geral, a revisão feita sobre os significados de *sertão* informou sobre a complexa carga simbólica agregada ao termo e à região associada, revelando que era representada por signos de abandono, atraso e doenças, mas também como essência da vida nacional. Em Minas Gerais, a porção norte era a região que se encaixava de forma mais adequada a essa noção sobre *sertão*.

Com base na definição apresentada por Marcos Lobato Martins, em estudo sobre sociedade, cultura e economia de Diamantina no século XIX, o “vasto ‘Norte de Minas’” incluía, na segunda metade dos oitocentos, a maior parte do território da antiga Comarca de Sabará e toda a área que compreendia a antiga Comarca do Serro Frio. Portanto, o “Norte de Minas” abrangia áreas das bacias do Rio São Francisco, Jequitinhonha e Mucuri até as fronteiras dos estados da Bahia, Goiás e Espírito Santo.²¹

Ainda segundo o autor, no final do século XIX, o que os políticos chamavam por “Norte de Minas” abrangia as comarcas de Serro (municípios de Serro, Diamantina e Conceição), Jequitinhonha (Minas Novas e Araçuaí), Rio Pardo (Rio Pardo e Grão Mogol) e São Francisco (Montes Claros, São Romão e Januária), incluindo também as matas do Suaçuí, Doce e Turvo.²² A cidade de Diamantina mantinha sob sua influência boa parte da região:

Figura 1- Área sob influência de Diamantina no oitocentos



Fonte: MARTINS, Marcos Lobato. *Breviário de Diamantina*. Op. cit., p.109.

21 MARTINS, Marcos Lobato. *Breviário de Diamantina*. Op. cit., p. 364.

22 *Ibidem*. p. 108-109.

Nas primeiras décadas da República, a ascensão econômica da Zona da Mata e do Sul mineiro acentuou o relativo declínio da porção norte, nos aspectos demográficos, econômicos e políticos do estado. A este respeito, chamamos a atenção para as forças políticas que, no início do período republicano, tentaram colocar em prática um projeto de modernização de cima para baixo. As elites mineiras representadas, principalmente, pelos cafeicultores sulistas priorizaram o desenvolvimento de sua região criando um discurso totalizador, que incluiu projetos de modernização e a construção de uma nova capital.

Denunciando a diferença de investimentos realizados nas diferentes regiões pelo governo federal e estadual, o jornal *O Município*, de 1896, apoiando o clínico Telles de Menezes, candidato diamantinense às eleições para o Senado Federal, destacava que o Norte de Minas carecia de representantes estaduais a fim de que fossem garantidos “os nossos direitos iguais aos de quaisquer outras zonas do país ou do estado”.²³ Nesse contexto, as representações formuladas pelos diamantinenses sobre o norte mineiro perpassavam, sobretudo, pelos signos de atraso, abandono, falta de investimentos públicos e carência. Na concepção local, foi negada à região a estrada de ferro, as navegações, as estradas de rodagem, os externatos, a luz elétrica, entre outros.²⁴

Identificamos nas notícias e artigos dos jornais analisados que as principais referências para a construção das representações sobre o norte de Minas Gerais foram as dualidades *sertão/litoral* e *sul/norte*, fazendo menção, neste último caso, às políticas modernizadoras implementadas na região centro-sul de Minas em detrimento do norte do estado.

Como é possível perceber em duas passagens do jornal *A Idea Nova*, citadas adiante, fica evidente a insatisfação por parte de seus autores com a política dos governantes eleitos até aquele momento. Diante desse imaginário fomentado pelos jornais e, em parte, partilhado pela população local, a imagem que permaneceu foi de um norte de Minas esquecido, ao qual sempre lhe eram negados os investimentos materiais que garantiriam o alcance do progresso. Para os redatores do *A Idea Nova*, nem mesmo um olhar atento ou mais sensibilizado foi direcionado ao norte, “deslembado como uma região maldita de misérias”.²⁵

O artigo evidenciava ainda que a região vivia uma “ironia amarga”, que revelava o contraste entre a “opulência dos tesouros naturais” e a “desolação da terra e o desânimo do povo”. O autor do texto questionava do que valiam as matas “riquíssimas do Rio Doce, as margens do Jequitinhonha”, que se estendia em toda fachada de terrenos diamantinos, “se as estradas continuam no miserável estado do tempo

23 *O Município*, 24 de outubro de 1896. APM. Acervo Jornais mineiros.

24 *Cidade Diamantina*, 24 de dezembro de 1893. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

25 *Esquecimento e abandono. A Idea Nova*, 02 de agosto de 1908. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

colonial, impondo toda espécie de entraves aqueles que, uma vontade heroica leva na sua peregrinação dolorosa por estes sertões”. Ele mesmo respondia dizendo que o norte já havia se acostumado a ser tratado como um “*res nullius*”, isto é, como um não lugar, ausente de qualquer sorte.²⁶

Frente ao que era exposto, o autor clamava por mais atenção dos governantes, lembrando que a região comprovava sua importância por meio da sua história, marcada pela exploração das riquezas naturais, como o ouro e os diamantes, e através da sua condição de local que manteve “tradições de civismo, de viril independência, de histórica incorruptibilidade”. Esperava, por fim, que João Pinheiro, conterrâneo e presidente do estado, lembrasse do que lhe foi dito no Congresso das Municipalidades do Norte²⁷, realizado anos antes em Diamantina. Na ocasião lhe foi pedido que fossem solucionados os “grandes e vitais problemas do Norte”, onde o “sistema de viação merecia uma transformação completa; o analfabetismo aqui proliferava em proporções assustadoras, e até o próprio policiamento no extremo norte estava deslembado”.²⁸

Em nova publicação do semanário, o jornal procurou evidenciar que o descaso que a região enfrentava decorria dos investimentos que eram realizados apenas no Sul: “Depois da República tem sido este o lema das administrações estaduais: Tudo para o Sul, nada para o Norte”. Expunha ainda que, ao contrário do cenário que marcava o sul de Minas, o norte permanecia isolado, pela ausência de uma estrada de ferro, de estradas de rodagem, ou ainda pelas péssimas instalações telegráficas.²⁹

Foi por causa dessa imagem de uma região carente de investimentos, na qual os representantes não utilizavam os recursos públicos devidamente, que os jornais diamantinenses publicaram textos que tinham por objetivo orientar os votos dos eleitores nortistas. Como exemplo, citamos a seguir o texto “Cartas do Norte” publicado pelo *A Estrella Polar*, em 1912.

Por conta das eleições municipais que ocorreriam naquele ano, um colaborador, se identificando como Demophilo, comentava que, enquanto alguns municípios poderiam reeleger suas Câmaras que vinham dando “provas de patriotismo e honestidade, trabalhando com ardor pelo desenvolvimento crescente das finanças,

26 Ibidem.

27 Os agentes executivos das municipalidades do Norte de Minas se reuniram a convite da Câmara Municipal de Diamantina para tratarem coletivamente dos interesses da região. Estiveram na cidade o Presidente do Estado, João Pinheiro, e o Secretário do Interior, Manoel Thomaz de Carvalho Britto. Em 1907, Aristides Rabelo, diamantinense, escreveu uma crônica intitulada “Diamantina”, publicada pela revista Kosmos do Rio de Janeiro, falando sobre o Congresso das Municipalidades do Norte. Rabelo informava sobre o evento, dizendo que, assim como são todos os congressos, aquele também foi simples formalidade, “ficando apenas a recordação das festas; dos banquetes para os que não são da terra e as dívidas”. Segundo Rabelo, por causa do congresso, Diamantina foi muito vista e muito falada, causando uma boa impressão aos visitantes. No entanto, passados os três dias de festança, Rabelo comentava sobre como a cidade voltava “à sua vida pacata”, onde a “pobreza entra para a terra e a riqueza sai com os estrangeiros” que iam à região explorar suas últimas minas. Para o cronista, tudo continuava como antes e nada de novo viria: a estrada de ferro, “continuará a distar 20 léguas; não existirão estradas; o governo lhe presenteará com uns quilos do jornal ‘Minas Gerais’ e a Diamantina grata dará ao governo, de quatro em quatro anos, um deputado. É assim, sob este aspecto, que a princesa do Norte de Minas é uma interessante cidade”. Ver: MOURA, Antônio de Paiva. Diamantina, passado e presente. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=124>>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

28 Esquecimento e abandono. A Ideia Nova, 02 de agosto de 1908. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

29 Eterno abandono, A Ideia Nova, 09 de agosto de 1908. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

instruções e indústrias próprias”, havia, no entanto, outras que “politicaram muito e não administraram nada”. Demophilo fazia críticas aos governos desse tipo, observando que, em suas excursões pela região, havia encontrado muitos municípios que sofriam “com profunda amargura as consequências de administrações dirigidas por incompetentes, egoístas desastrados, às vezes, até pouco escrupulosos para cúmulo de todo mal”. Segundo o articulista, o Norte tinha “direito irrefragável a melhores dias”, pois, “opulento e fecundo”, era um solo abençoado que queria apenas “proteção, para fazer saltar” a riqueza das entranhas de suas minas. Para promover o desenvolvimento econômico de Minas Gerais, bastava permitir que essa região recebesse melhoramentos. Dessa maneira, defendia que os eleitores entregassem os “seus destinos aos homens de bem, desinteressados e patriotas”. Concluía: “quem não reunir estas condições, poderá servir para outra coisa, menos vereador. Nortistas de coração, desejo que o norte possa concorrer com o sul no grande certâmen da civilização”.³⁰

Nesse artigo, verificamos mais uma vez que a dualidade *norte/sul* orientava o discurso local, evidenciando certa disputa política entre as duas regiões. O texto falava sobre as potencialidades do norte de Minas, demonstrando que, apesar de tudo, ainda lhe faltavam investimentos na exploração das riquezas de seu solo. Vale lembrar que, no imaginário local, foi nos tempos do Tejuco³¹ e da exploração diamantífera que a região se desenvolveu e contribuiu para o enriquecimento de toda Minas Gerais. Por isso, de maneira semelhante ao que foi sugerido no artigo de *A Idea Nova*, Demophilo acreditava nos potenciais locais, bastava boa vontade governamental.

Para os “homens de imprensa”, a região compartilhava com outras partes do país um histórico de negligências. Os avanços promovidos no Brasil pelos governantes se restringiam ao litoral. Veremos a seguir que essa análise foi baseada em uma série de textos que associavam a região norte mineira ao sertão brasileiro utilizando como referência a dualidade *sertão/litoral*.

Em um texto publicado pelo *A Estrella Polar*, o autor, que se identificava como E.A, questionava o lema “Ordem e Progresso” escrito na bandeira nacional. Destacava que as duas palavras, que deveriam orientar a política nacional, eram “sarcasticamente irônicas”, pois evidenciavam um paradoxo presente na sociedade brasileira: a de que a ordem e, sobretudo, o progresso só ocorriam nas cidades do litoral, como na capital federal. Por lá, dizia, abriam-se “esplendidas avenidas”, erguiam-se “soberbos palacetes” e cortavam-se “num voo extensas distâncias” graças aos automóveis.³² E.A

30 Cartas do Norte, *A Estrella Polar*, 17 de março de 1912. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

31 Dois núcleos urbanos destacaram-se com a formação do Distrito Diamantino, estabelecido a nordeste da Capitania das Minas no século XVIII: Vila do Príncipe, cabeça de comarca, e Arraial do Tejuco (atuais Serro e Diamantina, respectivamente). Tejuco era um núcleo urbano grande para os padrões da época, sendo maior, inclusive, que a Vila do Príncipe. Localizado mais perto dos rios, o Tejuco era mais populoso e, por isso, os homens de negócios e mineradores se estabeleceram por lá. Exploraram-se tantos diamantes nessa região que a América Portuguesa tornou-se grande exportadora de pedras preciosas a partir daqueles anos. Após a independência do Brasil, Arraial do Tejuco tornou-se vila em 1831, e, em 1838, cidade Diamantina. FURTADO, Júnia Ferreira. O livro da capa verde. Op. cit.

32 Figura retórica, *A Estrella Polar*, 30 de junho de 1908. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

denunciava, portanto, que, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro, que a cada dia desenvolvia-se materialmente, no interior do país acontecia o contrário. O “Norte de Minas”, denunciou o autor, “não só vegeta em assombroso atraso material, mas até merece ser classificado como enteado da nação”. Completava dizendo que “o povo dos sertões e das matas, celeiros de centros introdutores, pinga miséria”. Nesse sentido, para o autor, o sertanejo acostumava-se a um paradoxo: não tinha dinheiro porque não podia exportar, e não exportava porque lhe não davam os investimentos necessários.³³

Demonstrando preocupação com as condições de vida das populações dessas localidades, o autor também chamava a atenção para a epidemia de malária, que dizimava famílias inteiras, “desprovidas, nos sertões e nas matas, de médicos e farmácias”. Nesse quadro de abandono, a doença também fazia suspender os trabalhos da estrada de ferro, que, segundo o autor, só ocorria por negligência dos governantes: “os representantes da Nação”, que “se envergonham ou não tem aptidão para reclamarem dos poderes constituídos os inadiáveis melhoramentos”. Ironizava dizendo que isso é que era o “*progresso!*... de caranguejo... Não menor ironia é a proclamada *ordem* do pendão nacional”.³⁴

Dessa forma, para E.A, os políticos não assumiam a função que lhes era destinada de trabalhar em prol da população e promover “inadiáveis melhoramentos”. Afinal, o país não caminharia no sentido do progresso se obras como as da ferrovia fossem suspensas e se parte dos brasileiros morressem doentes e/ou de fome nos confins do sertão. O autor finalizou o texto dizendo que o povo brasileiro, mesmo vivendo em uma república – “terra da livre América” – era escrava inconsciente de sua realidade, pois estava presa a uma situação que lhe foi imposta. Ele criticava dizendo que as conquistas da República não representavam qualquer ganho para a população mais pobre.³⁵

Outro texto que abordou o desenvolvimento promovido no litoral do país em detrimento dos sertões é “Mais imposto?”, do jornal *Pão de Santo Antônio*. Sua autora, Maria Antonieta – diga-se de passagem, uma das poucas mulheres que colaborou em jornais de Diamantina – fez críticas sobre os impostos que recaíam sobre a população mais pobre. Argumentava que se os políticos soubessem como viviam as gentes nos sertões não gastariam com festas e nem outras obras que não tivessem necessidade para a população. Ela finalizou o texto defendendo como era importante que o eleitor soubesse empregar bem o seu voto, pois a situação de muitas localidades era resultado da eleição desses “marombeiros de casão”, que só conheciam os seus eleitores quando careciam “dos seus serviços, dos seus votinhos”. Afirmava que era preciso denunciar, pois enquanto se

33 Ibidem.

34 Ibidem.

35 Ibidem.

reformam prédios, se edificam palacetes luxuosos e se abrem ruas e avenidas belíssimas; enquanto os *magnatas* sobem as escadas *altas* dos palácios dourados, com suas damas, que arrastam seda e veludo; enquanto consomem jantares supimpas”, “cá pelos sertões” pinga miséria, “com centenas de famílias e criancinhas anêmicas, seminuas, hirtas de frio, [que] morrem no abandono, sem recursos, sem pão.”³⁶

Os dois artigos reafirmam o imaginário sobre o sertão divulgado pelos intelectuais da Primeira República, associando-o ao descaso, às carências e às doenças. Nesse sentido, existia a percepção de que o abandono no qual vivia a região norte do estado era partilhado por diferentes lugares do país. Dessa forma, a imprensa diamantinense e de outras localidades, denunciando o esquecimento ao qual estavam relegadas, cobravam, desde tempos atrás, que as autoridades tivessem uma atuação mais forte e propositiva.

Em 1899, por exemplo, três telegramas enviados de Araçuaí, município vizinho, localizado à nordeste de Diamantina, em apelo por ajuda financeira do governo federal, foram publicados pelo jornal *O Município*. Essas correspondências advertiam sobre os três principais males que assombravam os moradores da região: a seca, a fome e a doença.

No alto da página em que se publicavam os telegramas, o jornal comentava sobre a seca que levou as autoridades a pedirem auxílio ao governo, descrevendo a situação de famílias que, oriundas da Bahia e do norte de Minas Gerais, abandonavam seus lares, passavam por Diamantina e iam em direção à Zona da Mata em busca de melhores condições de vida. O texto alertava que situação semelhante poderia ser encontrada no município de Diamantina, onde além da fome, grassavam “febres de mau caráter que dizimam de modo incrível a população”.³⁷

Segundo o artigo, o governo do estado tinha dado auxílio de “cinco contos ordenados”, entretanto, já esgotado, não era suficiente, pois nem mesmo a caridade pública poderia dar conta de uma “multidão sempre crescente de pedintes”. Dizia ainda que o jornal pedia ajuda em nome de um povo que estava “morrendo em massa pelas estradas, extenuado pela fome, pelo cansaço, pela mais profunda anemia, e pelas muitíssimas doenças produzidas pelo mau passadio e insuficiente alimentação”. A carta alertava também que o norte de Minas estava se “despovoando completamente”.³⁸

Ciro Arno, em *Memórias dum estudante*, comentava sobre uma situação parecida que ocorreu na região nos primeiros meses após a proclamação da República. Segundo o memorialista, o norte de Minas passou por carestia de víveres devido a um

36 Mais impostos? Pão de Santo Antônio, 28 de novembro de 1920. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

37 O Município, 1899. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

38 Notícias: Fome e Peste, O Município, 24 de outubro de 1899. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

período de longa estiagem, levando à pobreza os moradores da cidade e de toda a região. No extremo norte do estado, “se produziam cenas idênticas às sucedidas no Nordeste do país, quando flagelado pelas secas periódicas”.³⁹

Segundo o autor, os gêneros alimentícios atingiram preços inacessíveis às classes menos abastadas, obrigando-as ao êxodo. A miséria era tanta, que Ciro Arno contava um caso ocorrido no município de Salinas, em que “um grupo de facínoras, obrigados à antropofagia pela fome, matava as pessoas que passavam por perto, para devorá-las”. Depois de um tempo, o autor comentava que o governo “providenciou remessas de víveres para as zonas flageladas, mandando estabelecer nas cidades e povoados cozinhas públicas, que forneciam comida aos necessitados”.⁴⁰

Ao que parece, os problemas decorrentes da seca, que impunha a fome, moléstias e a chegada frequente de imigrantes à Diamantina, contribuía ainda mais para agravar o quadro de misérias tanto da cidade quanto da região. Nas duas situações descritas, os diamantinenses vivenciaram situações degradantes que conferiam limites para a própria modernização urbana.

O mesmo pode ser dito em relação aos casos de epidemias, que, além das vítimas, levavam a perdas econômicas. Em 1910, por exemplo, o jornal *A Idea Nova* publicou notas que tentavam “desviar” as atenções dos leitores para os casos de varíola notificados em Diamantina. O debate entre os médicos da cidade se concentrou na tentativa de responder se foi varíola ou “varicela”, uma variante de menor impacto da primeira doença, que havia atingido a cidade.⁴¹ Na ocasião, os redatores do *A Idea Nova* publicaram um texto negando a suposta epidemia de varíola, pois “as notícias alarmantes sobre o nosso estado sanitário” poderiam afastar os mercadores de gêneros alimentícios. Por isso, era preciso esclarecer a população para que as falsas notícias não prejudicassem a economia local.⁴²

Ao alertar a sociedade e cobrar providências dos governantes, todos os textos analisados até aqui colaboraram para a conformação do imaginário que afirmava que o norte de Minas, assim como outras regiões do país, estava ainda carente de ações efetivas por parte do governo para promoção do desenvolvimento local. Partindo de líderes políticos e intelectuais de Diamantina, essas reivindicações e denúncias ajudavam a justificar a posição central que os redatores queriam dar para a cidade.

39 ARNO, Ciro. Memórias dum estudante. [s.l.]: [s.n.], [1949?]. p.16

40 Ibidem.

41 Varicela, *A Idea Nova*, 23 de outubro de 1910. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

42 Varíola em Diamantina? *A Idea Nova*, 23 de outubro de 1910. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

Constatações e reações a partir do imaginário associado ao sertão: Diamantina no *entre-lugar*

Historicamente, no decorrer do XIX e primeiros anos do século XX, Diamantina liderou o norte mineiro, constituindo-se em uma forte economia, com projeção regional, internamente articulada, menos sujeita ao controle mercantil do Rio de Janeiro. Por meio dos seus serviços de mineração, o nordeste de Minas Gerais estabeleceu-se como um centro dinâmico da economia estadual. Os municípios vizinhos exportavam para Diamantina seus produtos agrícolas e, em contrapartida, buscavam nas suas casas comerciais diversos produtos manufaturados e de luxo.⁴³

Não foi à toa, que, aos olhos do político Nelson de Senna, Diamantina integrava, ao lado de cidades como Ouro Preto, Juiz de Fora, Barbacena, São João Del Rei, um dos poucos polos que movimentavam a vida urbana, política e cultural em Minas Gerais. Na virada do século XIX para o XX, políticos, fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos, estudantes de todo o norte de Minas convergiam seus olhares para Diamantina.⁴⁴ Nesse sentido, a cidade destacou-se no cenário regional principalmente pela expansão do setor de serviços, em função da concentração de órgãos de administração pública e eclesiástica. Por exemplo, em 1864, a cidade tornou-se sede da Arquidiocese, contribuindo para ampliar sua área de influência sobre o norte mineiro. Ainda manteve instituições de ensino, como o Colégio Nossa Senhora das Dores, fundado na década de 1860, e o Seminário Episcopal, criado a partir da escola Ateneu São Vicente de Paula (escola criada pelas elites locais na década de 1850), que foram responsáveis pela educação de moças e moços de boa parte do norte de Minas e da Bahia.

Na virada do século, Diamantina recebia muitos doentes oriundos do norte e nordeste do estado em razão de possuir um Hospital de Alienados, uma Santa Casa de Caridade de Santa Isabel e o Hospital de Nossa Senhora da Saúde. Além disso, mantinha um número de médicos e farmacêuticos acima da média do estado. Na cidade, ainda ficavam as sedes do 3º Batalhão de Polícia, da subadministração dos Correios e da Repartição Geral dos Telégrafos (instaladas em 1905), das Coletorias Federal e Estadual e a administração dos terrenos diamantinos.⁴⁵

Nesse contexto, as lideranças políticas e religiosas, assim como membros de famílias tradicionais e influentes de Diamantina, apresentaram estratégias de desenvolvimento para o norte de Minas Gerais com o objetivo de redesenhar o quadro político, econômico e cultural do estado, discutindo a implementação de políticas de

43 MARTINS, Marcos Lobato. Breviário de Diamantina. Op. cit.

44 Ibidem. p. 107.

45 MARTINS, Marcos Lobato. A presença da fábrica no "Grande Empório do Norte": Surto industrial em Diamantina entre 1870 e 1930. In: IX SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA. [2000?]. Disponível em: <cedepiar.ufmg.br/diamantina2000/2000/MARTINS.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2015.

desenvolvimento regional. Os propósitos convergiam no sentido de se construir um futuro mais promissor para a região.

Com efeito, entre os anos de 1889 e 1930, a grande preocupação das elites diamantinenses foi reforçar o peso político-administrativo de Diamantina no norte mineiro por meio da atração de órgãos públicos estaduais e federais para a cidade. Utilizando-se dos jornais, essa parcela da elite procurou evidenciar a importância da cidade como catalisadora dos investimentos, garantindo o desenvolvimento da região. Para isso, a imprensa construiu e divulgou uma imagem que vinculava a cidade ao progresso. A “Princesa do Norte” era, portanto, aos olhos dessas pessoas, a cidade mais adiantada e civilizada da região, devendo ser o centro de convergência de todo o território nortista, recebendo os investimentos necessários, como era o caso da estrada de ferro.

Em 1895, por exemplo, aproveitando da condição assumida por dois nortistas no cenário político mineiro, Antônio Olyntho dos Santos Pires e Francisco Sá, respectivamente Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas durante a presidência de Prudente de Moraes Barros (presidente de Minas Gerais) e deputado estadual, os redatores de *O Município* publicaram uma carta pedindo que fosse levada a estrada de ferro até Diamantina.

Segundo o jornal, o Norte de Minas, dividido em duas porções – ao oriente, a “Mesopotâmia mineira” (privilegiada por importantes estradas que a colocava em contato com os estados da Bahia e Espírito Santo) e ao ocidente, “a vasta região no Valle do caudaloso S. Francisco” (privilegiada pela estrada de Central do Brasil) –, tinha em seu centro a cidade de Diamantina, que se encontrava “desolada” entre esses dois mundos. Felizes pela potencialidade das duas porções, os redatores pediam que os dois políticos olhassem para sua terra, também cheia de potenciais. Eles ainda acrescentaram que este ramal, vindo de Curvelo, prolongado até o município vizinho, o Serro, beneficiaria lugares importantes, transformando a região de Diamantina em um “cordão umbilical” entre as duas regiões citadas. Através disso, promoveria o desenvolvimento, mais do que necessário, de toda a zona.⁴⁶

No começo do século XX, momento em que o sonho de ser alimentada pela via férrea se tornava mais real, os jornais passaram mais do que nunca a chamar a atenção dos governantes para a importância que eles acreditavam ter Diamantina. Os redatores não deixavam de falar que o lugar era “o centro de convergência d’aquela zona”, podendo-se até dizer “capital do Norte [...] uma cidade das mais prosperas e adiantadas”.⁴⁷ Diziam ainda que Diamantina era o “centro comercial forçado de todo o Norte de Minas”, uma vez que todas as importações e exportações da região passavam

46 *O Município*, 19 de outubro de 1895. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

47 *O Jequitinhonha*, 17 de novembro de 1904. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

pela cidade.⁴⁸ Constituindo “indubitavelmente o centro, o foco para onde convergem todas as forças nortistas do estado”, era “o vestíbulo do Norte de Minas”. Afinal, ninguém poderia dizer que conhecia o Norte de Minas se não conhecesse Diamantina.⁴⁹

Naquele momento, o desenvolvimento da região, com a eminente criação na cidade de um ramal da estrada de ferro, era considerado elemento garantidor da sonhada modernidade. A via de transporte, representando o progresso material de uma sociedade, garantiria o acesso dos diamantinenses às experiências, aos produtos e aos comportamentos presentes nas modernas e civilizadas cidades do litoral.

Demonstrando orgulho com as imagens construídas sobre Diamantina, os redatores divulgavam em suas páginas textos de outros jornais contendo impressões sobre a cidade. No dia 7 de maio de 1910, por exemplo, *O Paiz*, do Rio de Janeiro, publicou um texto semelhante e não tardou para que *A Idea Nova* o reproduzisse em suas páginas. O jornal carioca dizia que a cidade era “o centro mais importante da vasta região sertaneja do norte de Minas, chamada mesmo a capital do norte”. Informava também que em breve o centro urbano contaria com os benefícios da linha férrea. Porpuyrio Camelo, autor da reportagem publicada em *O Paiz*, dizia que a posição excepcional de Diamantina simplificava bem o problema de viação do norte pela boa localização em relação à “vasta zona sertaneja” e “pelas relações comerciais” que a cidade mantinha com todo o sertão. Afirmava ainda que era um polo irradiador e, ao mesmo tempo, central, para onde convergiam as atuais estradas de vários municípios do entorno. Mais uma vez, defendendo a instalação da ferrovia na cidade, dizia que o centro urbano estava no coração do norte de Minas Gerais, o que possibilitaria entrar em comunicação com Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Vitória e Caravela, ao sul da Bahia.⁵⁰

O sonho das elites em transformar a cidade em um entroncamento ferroviário era antigo, datando desde 1870. Segundo Marcos Lobato Martins, no período de 1870 a 1920, a cidade de Diamantina contava com poucos e precários caminhos ligando-a ao centro do estado ou mesmo aos núcleos urbanos do norte e nordeste de Minas Gerais. Segundo o autor, “esses caminhos eram as velhas trilhas abertas pelas tropas de muares, que permaneceram bastante ativas na região até meados do século XX”.⁵¹ No entanto, mesmo com o avanço da estrada de ferro em direção a Diamantina, as tropas continuaram a ter seu sentido social e econômico de abastecimento. Ocorria que os trilhos encurtaram os percursos das tropas, mas o comércio “burriqueiro” passou a transitar em torno da linha férrea.⁵²

Outros melhoramentos de que a cidade era palco também ganhavam as páginas

48 *A Idea Nova*, 11 de novembro de 1906. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

49 *A Idea Nova*, 06 de dezembro de 1908. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

50 *A Idea Nova*, 22 de maio de 1910. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

51 MARTINS, Marcos Lobato. *Breviário de Diamantina*. Op. cit., p. 153.

52 *Ibidem*. p. 166.

dos periódicos, frequentemente com grande entusiasmo. A cidade, localizada no decadente interior mineiro, perdida no sertão e longe do burburinho dos grandes centros urbanos, era um local civilizado e moderno, que deveria manter este posto para receber novos visitantes, que, supostamente oriundos do litoral, se surpreenderiam com a beleza e limpeza das ruas. Dessa maneira, apesar de serem também veículos de crítica, com frequência as páginas dos jornais acabavam afirmando uma imagem próspera e moderna. É o que se vê na nota publicada por *A Estrella Polar*, revelando a presença de maus costumes que, na opinião do cronista, não combinavam com a imagem da cidade e sua gente.

Uma cidade como a nossa, admirada e conhecida como um Oasis no sertão de Minas, onde o visitante ou o viajor vem tonificar o seu espírito e banhar-se num remanso de civilização e adiantamento, não pode e não deve tolerar que ainda se deem cenas tão escandalosas dos bons costumes quais as que acompanham a esses usos selvagens de brinquedos bárbaros.⁵³

Na ocasião, a notícia elogiava a proibição de fogos no perímetro urbano. Segundo o texto, soltar foguete constituía em um comportamento peculiar de classes menos favorecidas e, portanto, deveria ser banido para que a boa imagem de Diamantina se mantivesse.

Anos mais tarde, já depois da inauguração da estrada de ferro, em 1914, e da instituição de outros tantos investimentos, o jornal *Pão de Santo Antônio* continuava a reproduzir discurso semelhante, enfatizando as conquistas já realizadas e a necessidade de novas transformações. Na década de 1920, afirmava que o desenvolvimento da cidade não escapava “aos olhos do observador inteligente”. Entre os elementos a comprová-lo estavam: casas comerciais, vida noturna, cafés, restaurantes, hotéis e pensão.⁵⁴

Se o objetivo do discurso das elites e da imprensa era firmar e ampliar o campo de influência de Diamantina no Norte de Minas, o que orientou a construção dessa imagem de um centro urbano moderno, digno dos investimentos requeridos, foi o imaginário em torno da cidade ideal. Os redatores e políticos preocupavam-se em evidenciar todos os melhoramentos urbanos conquistados para dizer que se algo faltava à “Princesa do Norte” era porque careceram maiores investimentos, especialmente estaduais e/ou federais.

No que se refere às diferenças históricas e socioeconômicas da formação de Minas Gerais, Maria Auxiliadora Faria afirma que dois polos opostos se destacaram

53 *A Estrella Polar*, 09 de junho de 1910. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

54 *Pão de Santo Antônio*, 07 de setembro de 1921. Coleção Jornais. BAT. IPHAN - Diamantina - MG.

nesses processos: as *Minas* e os *Gerais*. O primeiro referindo-se à sociedade que se formou em torno da mineração nos núcleos urbanos. O segundo polo fazia alusão à sociedade organizada a partir da criação de pecuária nos sertões, principalmente ao norte do estado.⁵⁵

Esse vínculo histórico da região, e de Diamantina em particular, com a sociedade das *Minas*, foi constantemente lembrado pelas famílias tradicionais da cidade, saudosistas com o peso político e econômico que o antigo centro minerador havia alcançado no período colonial. Por outro lado, suas relações econômicas com as regiões do Vale do Alto-Médio São Francisco, Sertão e Minas Novas também possibilita refletir sobre qual era sua ligação com o mundo dos *Gerais*. Pois essas três regiões do norte exportavam para Diamantina, principalmente, algodão e mantimentos. Em contrapartida, as tropas vindas do Sertão e de Minas Novas, que se concentravam na Praça do Mercado, frequentemente retornavam de Diamantina com produtos importados originários do Rio de Janeiro.

Essa situação induz a pensar na forma como essas relações econômicas de interdependência ajudaram a reforçar a importância econômica, política e cultural de Diamantina em todo o norte mineiro. Afinal, a população dessa área, dependente dos produtos importados pelos diamantinenses, enxergava a cidade como uma espécie de ponte entre os sertões e o mundo civilizado, com seus produtos, seus costumes, etc.

Dessa forma, ao longo da análise dos artigos publicados em jornais de Diamantina, uma questão chama a atenção: mesmo procurando comprovar uma imagem de centro moderno e civilizado, as lideranças políticas diziam pertencer ao “nós, norte mineiros”, confirmando que se situavam em uma região comumente identificada ao atraso, ao abandono e às doenças.

Com efeito, em meio ao paradoxo de se verem enquanto cidade no sertão, esses grupos dirigentes lançaram um debate sobre as potencialidades regionais, discutiram sobre os entraves ao crescimento da região e apresentaram estratégias de desenvolvimento. Esses discursos aparecem como forma de reação ao imaginário e ao estigma de sertão. A solução encontrada para angariar recursos para essa parte do estado foi apoiar-se na ideia de Diamantina como um centro importante do norte mineiro. Foi sobre isso que falamos nesta seção. Dessa maneira, além de projetar a imagem de “Princesa do Norte”, defendemos que os “homens de imprensa” em Diamantina situavam-se num *entre-lugar*.

No livro *O local da cultura*, Homi K. Bhabha propõe que os estudos sobre formação cultural dos sujeitos se façam a partir da ideia de hibridismo cultural ou no que ele chama de aqueles “momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”.⁵⁶ Frente a isso, segundo Bhabha, o *entre-lugar* é o espaço

55 FARIA, Maria Auxiliadora. “A política da Gleba”. Op. cit.

56 BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Op. cit., p. 20.

liminar situado no meio das dualidades opostas que designam identidades, fornecendo o terreno para a elaboração “de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a *novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade*”.⁵⁷

Dessa forma, as elites políticas e os “homens de imprensa” em Diamantina elaboraram um conjunto de representações sobre a sociedade diamantinense que deixavam transparecer os seus desejos de situar a cidade no mundo que consideravam ser moderno e progressista. Para isso, eles conformaram e divulgaram signos do que avaliavam ser uma sociedade ideal: uma representação do urbano em detrimento do rural. Eles ainda procuraram evocar o passado, os momentos em que a cidade teve importância como centro minerador e contribuía de forma expressiva para o desenvolvimento econômico do estado.

Com efeito, os signos “atraso” e “progresso”; “urbano” e “rural”; “civilizado” e “não-civilizado” orientaram os discursos analisados até aqui, refletindo na forma como foi construída as representações sobre Diamantina e sobre o norte de Minas Gerais. Esses signos, esboçando dualidades opostas, são resultados do que Bhabha chamou de “*signos da emergência da comunidade concebida como projeto* – ao mesmo tempo uma visão e uma construção”.⁵⁸ Em outras palavras, eles se conformaram dentro do projeto republicano de sociedade moderna, progressista, civilizada e higiênica, no qual aquilo que se distanciava desses ideais modernizadores foi representado como o avesso do moderno.

Verificando que as condições socioeconômicas impuseram limites para o “projeto” de desenvolvimento das elites, essa parcela da sociedade se viu situada no mesmo mundo marginalizado do sertão. Aos olhos dos dirigentes diamantinenses, todos os signos mencionados “uniam” o vasto norte de Minas Gerais, que carregava consigo o estigma de sertão.

Por fim, vivendo o paradoxo entre cidade moderna e cidade do sertão, defendemos que os moradores locais viviam num *entre-lugar*, ou seja, situados no espaço entre dualidades opostas que designavam identidades: o *sertão/litoral* e as *Minas/Gerais*. Portanto, experimentaram um duplo vínculo entre o que consideravam como avançado e moderno e o atrasado e tradicional.

Considerações finais

Chegando ao final deste artigo, esperamos ter contribuído com estudos que possuem como tema a categoria sertão, procurando evidenciar a particularidade desta análise que teve como foco o sertão norte mineiro.

57 Ibidem. p. 20. Grifo nosso.

58 Ibidem. p. 21, grifo nosso.

A investigação nos jornais diamantinenses mostrou que, de maneira semelhante ao que se dizia sobre o sertão brasileiro, os signos de abandono, carência e doenças determinaram as representações divulgadas pelos “homens de imprensa” sobre Diamantina e região. Esse imaginário confirmava o diagnóstico dos limites e contradições da modernidade local, uma vez que, ainda que assumindo o papel de centro dinâmico por sua importância política e econômica e estabelecendo trocas comerciais com o Rio de Janeiro e com cidades próximas, Diamantina estava no sertão.

Os grupos dirigentes do antigo Tejuco reagiram a esse imaginário e estigma, forjando a imagem de uma cidade que se mantinha próxima, nos aspectos culturais, políticos e econômicos, dos centros modernos. Objetivavam com isso garantir maiores investimentos e firmar o município como referência e porta-voz de toda a porção norte do estado. O conceito de *entre-lugar* serviu de orientação para que se sustentasse essa análise. Os diamantinenses compreenderam a existência de uma ligação social e histórica com as sociedades das Minas e dos Gerais, que estavam, respectivamente, ligadas no imaginário da época, aos povos do litoral e do sertão no que diz respeito ao que era tido como civilizado e progressista ou não.

Recebido em 13 de maio de 2018.

Aprovado em 30 de junho de 2018.